

DIA 25 – MESA REDONDA: CRÍTICA LITERÁRIA E JORNALISMO:

Carlos D'ALGE (CE)
Gonzaga de Andrade (OB)
Montgomery José de Vasconcelos (PB)

Presidência **JOSÉ LEITE SOBRINHO (PB)**

Crítica e Jornalismo

Carlos d'Alge

Diz-nos o professor Afrânio Coutinho que a “tarefa do crítico, hoje em dia, requer uma massa de conhecimentos que já torna quase impossível a sua execução por um só indivíduo, sugerindo a divisão em equipes para o seu exercício eficiente”. Refere-se o ilustre mestre à verdadeira crítica, diferente do comentário ou revista de livros, o reviewing. Assim, a crítica literária seria o ensaio, restrito aos livros, às antologias, às revistas especializadas e aos simpósios e seminários, enquanto o reviewing se destinaria à popularização e divulgação da crítica no jornalismo.

Os antigos rodapés de crítica, nos jornais e suplementos, desapareceram e se deslocaram para as revistas acadêmicas. Com eles aconteceu o que ocorrera com o folhetim que dos jornais passou às revistas, aos fascículos semanais e, por fim, aos livros. Basta recordar alguns dos mais conhecidos romances da literatura de língua portuguesa, por exemplo, alguns romances de José de Alencar ou de Camilo, ou ainda ofolhetim escrito a quatro mãos, para o **Diário de Notícias**, de Lisboa, por Ramalho Ortigão e Eça de Queirós.

Na época dos rodapés os autores contavam, escreve Gilberto Mendonça Teles, com maior espaço e maior possibilidade analítica. Reconhece, todavia, que a crítica brasileira “não dispunha dos instrumentos de estudo que lhe trouxesse o desenvolvimento das ciências como a lingüística, a estilística, a antropologia, a sociologia e a psicanálise.” Entretanto, a crítica que nos ficou dessa época, contava com os talentos de Tristão de Athayde, Agripino Grieco e Álvaro Lins.

Depois surgiram os suplementes literários que por força dos espaços mais necessários à publicidade e ao próprio custo do papel estão gradativamente desaparecendo. Quase todos os periódicos das principais capitais brasileiras editaram suplementos literários. Restam hoje o **Suplemento Literário de Minas Gerais**, que é publicado pela Imprensa Oficial daquele Estado, o **Correio das Artes**, suplemento quinzenal do jornal **A União**, de João Pessoa, e, mais recentemente, apareceu o **Caderno de Cultura**, do jornal **O Povo**, de Fortaleza. Os antigos e muito estimados suplementos literários do **Estado de São Paulo** e do **Jornal do Brasil** e do **Diário de Notícias**, do Rio de Janeiro, desapareceram. Dos dois primeiros jornais restam as páginas semanais dedicadas às letras, pelo **Jornal do Brasil**, enquanto **O Estado de São Paulo** modificou o seu suplemento literário para um suplemento de cultura.

O **Diário de Notícias**, que publicou a coluna dominical “Correntes Cruzadas” de Afrânio Coutinho, saiu há muito de circulação.

Afora esses suplementos e páginas literárias os jornais brasileiros e as revistas de maior circulação possuem colunas destinadas à divulgação literária. Entre os suplementos referidos, cabe uma referência a um suplemento publicado em Portugal, o suplemento **Cultura e Arte**, do jornal **O Comércio do Porto**, o mais antigo jornal de língua portuguesa ainda em circulação. Tão meritória foi a contribuição desse jornal à divulgação da cultura portuguesa que foram reunidos os principais artigos numa antologia de números especiais, em quatro volumes, organizados por Costa Barreto, e de que falaremos, com mais pormenores, adiante.

Com o desaparecimento dos suplementos ou a redução de suplementos a páginas ou mesmo a secções sespecializadas, como a do crítico Carlos Menezes, no jornal **O Globo**, para citar um exemplo, o espaço para o reviewing ou para o review ou recensão, contou com a “persistência” — o termo é de Mendonça Teles — de um jornal especializado, o **Jornal de Letras**, de Elysió Condé, que, mensalmente, dá guarida às resenhas, e à divulgação de fatos culturais e reportagens literárias. Em Portugal, mais recentemente, começou a circular o jornal **Jornal de Letras, Artes e Idéias**. Cabe aqui, ainda, uma alusão ao jornal mensal da União Brasileira de Escritores, **O Escritor**, que insere, além de artigos de interesse da classe, uma bem informativa secção intitulada “Livros em Debate”.

Além destes periódicos, responsáveis pela maior contribuição ao noticiário cultural e literário, há as revistas de grande circulação, divulgadoras de livros e resenhas. Por outro lado, as grandes casas editoras fazem a sua propaganda através de pequenos jornais, de que cito dois exemplos — o jornal bimestral **Dois Pontos**, das Edições 70, de Lisboa, e **Presença**, da Ática Editora, de São Paulo. Este tipo de serviço cultural sempre é bem-vindo. Embora propaganda e, quase sempre, com valor crítico nulo, presta um bom serviço, que é o de divulgar o livro.

Não comportando mais o jornalismo, a alta crítica refugiou-se no livro, na revista universitária, na cátedra. Para o mestre Afrânio Coutinho, que reuniu os seus artigos do suplemento literário do *Diário de Notícias*, no livro *Da Crítica e da nova crítica*, há que diferenciar crítica (ensaio) do review (resenha, recensão, comentário, noticiário de livros do momento). Explica o crítico que as condições atuais de vida e o tipo de jornalismo que se pratica não mais comportam a atividade crítica no jornal, mas apenas o review, não querendo isto significar que não possa haver crítica nos jornais, especialmente nos suplementos literários.

O problema do reviewing foi posto num seminário organizado em 1934 pela revista americana *Saturday Review of Literature*. Um dos trabalhos posteriores a esse seminário, de autoria de Frank Swinnerton, o *The reviewing and criticism of books*, trata excelentemente do problema. Swinnerton, crítico e editor inglês, escreve: "Acredito que, embora o reviewer possa ser um crítico e sua crítica um review, há diferenças entre o que um homem escreverá como sua primeira palavra e o que dirá como sua última palavra acerca de um livro ou escritor. Enquanto o reviewing é, em suma, uma imediata e provisória avaliação da performance, a crítica, nas palavras de Arthur Symons é uma avaliação de forças. O diretor do suplemento literário do *Times*, de Nova Iorque, J. D. Adams reconhece que crítica e reviewing são termos que se usam indiscriminadamente, entretanto há diferença entre eles, na crítica e ênfase é posta sobre a avaliação, no reviewing sobre a informação.

Nessa questão há que considerar a atividade intelectual do passado com a de hoje, quando se multiplicam as casas editoras. No passado, como os livros eram menos numerosos, os reviers dispunham de maior espaço nos jornais, daí o aparecimento dos rodapés. Hoje o espaço encurtou e cedeu lugar às colunas literárias.

Leonar Wolf, autor de um apêndice ao livro póstumo de Virginia Wolf, *The Captain's Death Bed*, de 1950, citado por Afrânio Coutinho, responde à crítica da autora contra o reviewing, na qual indagara se o review tinha algum valor, explicando que com o crescimento da indústria editorial esta sentiu a necessidade de oferecer ao público informações sobre os livros a respeito do seu conteúdo e valor do produto a fim de facilitar a escolha dos leitores. O moderno jornalismo viu aí uma oportunidade e inventou o review e o reviewer. E acrescenta, não estando o público moderno interessado na crítica literária, que é o ensaio, e não podendo, portanto, vendê-la, o reviewer acaba por preencher a função do crítico. O que o reviewer pode fazer, conclui Wolf, é ajudar o escritor a vender seu livro.

Assim, o review é um gênero jornalístico, isto é um tipo de crítica aplicada à informação jornalístico. A crítica, como vimos, é o ensaio e o ensaio tem seu lugar privilegiado nas revistas universitárias ou especializa-

das em Literatura, entre as quais, para apontar dois exemplos, no Brasil e em Portugal: a **Colóquio/Letras**, de Lisboa, dirigida pelo Professor Jacinto do Prado Coelho, e **Tempo Brasileiro**, do Rio de Janeiro, dirigida pelo Professor Eduardo Portella. Poderíamos acrescentar ainda uma extensa lista de revistas acadêmicas, quase todas vinculadas aos Departamentos de Letras das universidades brasileiras. Acresce salientar que essas revistas especializadas têm por norma, também, a inserção de resenhas.

No Brasil, Afrânio Coutinho reconhece que se tem feito uma certa confusão com as palavras **ensaio**, **estudo** e **crônica**, para definir o verdadeiro ensaísmo. Assim, escreve aquele mestre: “temos no uso corrente, entre nós, os seguintes termos: 1º **ensaio**, para designar o estudo crítico (no caso de ser crítica o seu assunto), resultado de pesquisa e elaboração, com documentos e conclusões, em artigos longos ou em livros de conjunto. Ex. o **Machado de Assis**, de August Meyer e **Aspectos** de Mário de Andrade. 2º **crítica**, para designar a crítica militante, de jornais, geralmente em rodapés. Ex.: Humberto de Campos. 3º **crônica** para designar a composição ligeira, que os ingleses chamam de “ensaio” familiar ou pessoal. Ex.: Lamb, Azorín, Rubem Braga.”

Na verdade, o termo *review*, no Brasil, pode significar resenha, resenha, notícia, comentário, crítica jornalística, divulgação editorial. De maneira que cumpre distinguir esses níveis inofensivos. A resenha ocupa o espaço das revistas universitárias, acadêmicas ou literárias, e disso já falamos. Não podemos chamar de resenha à divulgação em revistas e jornais de grande circulação. O termo *review* veio-nos de Portugal onde é comumente empregado. As resenhas aparecem sempre paginadas no final dos volumes. Têm o caráter mais leve do que o ensaio, mas diferem das resenhas ou comentários de outras publicações, porque são escritas para um público mais culto, universitário ou não, e incluem valores críticos não encontráveis nas resenhas ou comentários que se destinam, ali sim, à ampla divulgação e informação. A resenha, o comentário, a notícia, a entrevista, a reportagem literária, são jornalismo a serviço da literatura.

O depoimento de Afonso Romano de Sant'Anna, inserto no número especial de **Tempo Brasileiro**, dedicado à **Função da Crítica**, é bastante elucidativo para esta questão. Sant'Anna conta-nos a sua experiência como crítico da revista **Veja**, para a qual foi contratado em 1975. Tentou uma passagem crítica universitária para a imprensa, pois reconhecia haver uma superprodução teórica e analítica dentro das universidades à qual não correspondia um espaço jornalístico apropriado. Teve decepções. Escreve o crítico: “Os editores insistiam que aquela não era uma revista literária e que ali “se deveria escrever para a Dona de casa de Botucatu poder entender”. Coincidentemente, após os choques que ali tive, a revista entrou num regime de abertura com maior liberdade para os resenhadores, a ponto de

Isto É passar a admitir um estilo mais pessoal no lugar do monoestilo tipo **Time** que modelava **Veja**.”

Reconhecemos que mesmo com a abertura daquela publicação, o tipo de escrita que se deseja nessas revistas é aquele que alcance o grande público, portanto um público distinto do universitário ou acadêmico. Para esse grande público uma crítica com linguagem universitária seria difícil de entender. Daí a solicitação dos editores de **Veja**. Além disso o crítico ainda está sujeito ao que Sant'Anna define como o “arbitrio geral no país, onde o copy-desk exerce na sua pequenez a tirania a que se habituou dentro do sistema.”

Menos mal, quando o que se quer é colocar o produto cultural nas mãos do leitor. Nesse aspecto as resenhas, notícias, entrevistas, reportagens, e, notadamente, as que têm sido veiculadas pelo vídeo, possuem uma grande penetração. Assim, ao escrever a sua resenha ou comentário, o crítico tem obrigação de recriar o espaço cultural das revistas e jornais. Sant'Anna considera resenhas uma visão menor da literatura e da vida. Entretanto, para quem elas são escritas? A que público se destinam? Não teriam, também elas, uma função cultural a cumprir? Mesmo com a normalização da vida democrática e o aparecimento de mais revistas e jornais, os espaços continuarão reduzidos, pois o grande público habituou-se a digerir leituras suaves e compreensíveis. O que deve escrever o crítico? Responde Fausto Cunha: “Devemos pensar no público que nos lê, ou no autor que aguarda ansiosamente uma palavra de estímulo ou de consagração? Nosso compromisso é conosco, ou com a literatura brasileira tomada como um todo ideal? Por definição, um leitor de crítica é um leitor de literatura. Quando escrevemos, convém sempre pensar nesse tipo de leitor. No leitor que considera a literatura como coisa vital, da mesma forma como o pintor, o compositor, o ator vêem, cada um em sua arte, uma coisa vital para eles e essencial para a humanidade.”

Com o aparecimento de novas editoras e a própria efervescência da vida nacional, graças à redemocratização do país, quase todas as publicações periódicas abriram espaços para as resenhas e comentários literários. Desde as publicações semanais tipo **Veja**, **Isto É**, e **Manchete**, às menais como **Status**, ou às revistas femininas. As redes de televisão, com destaque para o sistema de televisão educativa e seus programas gerados em São Paulo e no Rio de Janeiro, ocupam-se de temas e propostas literárias, divulgando autores e livros.

Vejamus um exemplo de resenha e comentário literário, tomando um número da revista **Status**, o de agosto de 1982. Fausto Cunha é o autor do comentário “60 anos de Modernismo: quem ficou” e das resenhas **Os Livros de Status**. No primeiro, em menos de uma página, o crítico fala-nos dos mestres da primeira geração modernista. Diz que ficaram **Macunaíma**, de Mário de Andrade, **Serafim Ponte Grande** e **Memórias sentimentais**

tais de João Miramar, de Oswald de Andrade, e as obras de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, e Murilo Mendes, que “morreu totalmente ignorado pelas gerações mais novas, e que “mais cedo ou mais tarde terá a sua hora”. Nas resenhas de livros, Fausto Cunha comenta em poucas linhas e informa o suficiente para o leitor que está interessado sobre o produto, o romance **O Vale dos Demônios**, de Czeslaw Milosz, Prêmio Nobel de Literatura, e o **Diário da Tarde** (crônica/poesia), de Paulo Mendes Campos.

O problema das resenhas nas publicações periódicas e a participação do crítico na atividade jornalística são vistos também por Nely Novais Coelho. Nely participou do debate sobre literatura infanto-juvenil em São Paulo, promovido pela União Brasileira de Escritores. Diz a escritora: “quando fazia crítica no Suplemento Literário de **O Estado de São Paulo**, escrevia muito e me publicavam tudo. Agora me encomendam uma resenha de 40 a 50 linhas. Eu acho que seria impossível escrever 40 ou 50 linhas sobre um livro riquíssimo — e acredito que isso vale também para a crítica de livros infantis. Esse é, a meu ver, o problema da crítica atual: planejo escrever 30 páginas e o editor quer um negocinho de meia página. Por outro lado, você trabalha um ou dois meses escrevendo um texto sério, e depois recebe 1 ou 2 mil cruzeiros. Por isso é difícil que se tenha uma crítica profissional para fazer uma crítica orientadora. O que existe hoje então são os divulgadores. Os críticos estão afastados desse tipo de trabalho porque a verdadeira crítica exige muito tempo e pagam-nos pouco”.

Vale acrescentar que em termos de crítica de livros infantis essa quase não existe. Ruth Rocha, autora de livros infantis, participante do debate, informou que as colunas especializadas sobre literatura infanto/juvenil, de Fanny Abramovich, Ana Maria Machado e Mirna Pinsky, não existem mais. Eventualmente a crítica Tatiana Belinsky escreve sobre livros infantis para a **Folha de São Paulo**, mas sempre limitada a um curto espaço.

Do depoimento de Nely Novais Coelho fica bem claro: a crítica literária, o ensaio, não tem mais espaço nas publicações comerciais. Permanece restrita, como já escrevemos, às revistas universitárias ou acadêmicas, ou às revistas, como **Tempo Brasileiro**, **Encontros com a Civilização Brasileira**, ou àqueles que tiveram duração efêmera, como **Escrita e O Saco**. Em Portugal, **Colóquio/Letras**, mantida pela Fundação Calouste Gulbenkian, abriga também críticos brasileiros. Aliás, a contribuição de brasileiros às publicações portuguesas tem sido constante e merece ser ressaltada. Até mesmo, uma antologia recente, **20 Anos de Poesia Portuguesa**, organizada, prefaciada e enriquecida com notas de Pedro Tamen, publicada pelo Círculo de Poesia, de Moraes Editores, de Lisboa, inclui oito poetas brasileiros entre os trinta e sete escolhidos, de Murilo Mendes

a Armindo Trevisan. É o caso de perguntar, porque a mesma acolhida não é propiciada aos críticos e escritores portugueses pelas editoras brasileiras?

Mas valerá a pena escrever 40 ou 50 linhas para as revistas ou jornais? Mesmo que se considere a resenha literária como uma "conversa de compadres", para usar a expressão de Affonso Romano de Sant'Anna, que reclama a falta de titulação de muitos autores para este tipo de atividade? Bem, repetindo Fernando Pessoa, tudo vale a pena se a alma não é pequena. Se o crítico é titulado e escreve a resenha muito bem, teremos uma resenha com um bom nível de informação. Se não é titulado, mas informa o suficiente para despertar no leitor o interesse em comprar o livro menos mal. Aí começa a o trabalho dos divulgadores.

E março deste ano Lygia Fagundes Telles participou, em Lisboa, do Congresso de Escritores Portugueses. Na ocasião propôs a criação de uma Federação de Escritores de Língua Portuguesa, uma boa idéia, e autografou muitos exemplares do seu romance **Ciranda de Pedra**, graças à divulgação que se fazia, naquele país, do seu texto, através da telenovela do mesmo nome, no momento em transmissão diária na televisão estatal portuguesa. Não fora o sucesso popular da telenovela, Lygia não autografaria tantos exemplares do seu romance.

A divulgação faz-se por todos os meios de comunicação. Uma das mais conhecidas editoras brasileiras, a Record, além de editar um suplemento informativo, participa do merchandising inserido nas telenovelas, através de seus livros que ocupam as estantes dos diversos ambientes onde se desenrola a ação da telenovela, permitindo ao telespectador vislumbrar, quase sempre, o logotipo da editora, ou o nome do seu mais conhecido best-seller, Numa destas telenovelas uma das personagens lia, numa determinada cena, **Os Ratos**, de Dionélio Machado. Foi o suficiente para despertar a atenção sobre este esquecido e muito bom ficcionista, aparecido na década de 30. O mesmo ocorreu com uma das mais populares novelas de George Simenon.

A telenovela também ajudou a reeditar e vender romances de José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Origines Lessa. Mais recentemente os textos literários foram abandonados pelos produtores de TV, que privilegiam roteiros da atualidade, onde possam incorporar os mais variados produtos industriais, como motocicletas, carros, roupas, bebidas, cosméticos, enfim toda a parafernália do consumismo nacional.

A divulgação processa-se também por outras estratégias de merchandising que não do simples anúncio do livro em outdoors, em camisetas promocionais, aos anúncios em jornais e revistas, e nos suplementos informativos das casas editoras. Os suplementos literários ainda vivos também incluem além de resenhas, anúncios de livros. O mesmo acontece

com os jornais especializados, o brasileiro **Jornal de Letras**, mensal, e o **JL Jornal de letras, artes e idéias**, quinzenal, de Lisboa.

O interesse crescente pelas ciências do homem, e pelas artes de uma maneira geral, está transformando os suplementos e jornais então literários em jornais de cultura. É o caso do suplemento **Cultura**, de **O Estado de São Paulo**, sucessor do Suplemento Literário, e que traz no seu no 104, um grande espaço dedicado à vida e obra do notável antropólogo Claude Lévy-Strauss, professor de Sociologia na Universidade de São Paulo, de 1935 a 1939. É o caso, também, do **JL**, de Lisboa, que na capa do seu número 35, de julho deste ano, traz o destaque para artigos sobre a ficção de Nuno Bragança, a Ópera de Pequim, Vargas Llosa e o futebol, a interpretação da atriz Glicínia Quartim, e os filmes de Rainer Maria Fassbinder.

Do ponto de vista histórico, já no princípio deste século, o jornal vai abandonando o folhetim de ficção, a que se habituaram os leitores, e cedendo espaço aos artigos de crítica literária, como são chamados os escritos de Tristão de Ataíde, Álvaro Lins, Antônio Cândido, Olívio Montenegro, Wilson Martins e Otto Maria Carpeaux. O folhetim de ficção é substituído pela novela de rádio e, mais tarde, pela telenovela. Em Portugal uma grande parte dos escritores contemporâneos colabora e escreve para os jornais e, especialmente, para os seus suplementos literários. Bastaria lembrar os nomes de Leitão de Barros, Jaime Brasil, Tomás Ribeiro Colaço, que dirigiu o semanário literário **Fradique** (1934), Antônio Guedes de Amorim, Castro Soromenho, Álvaro Salema, Urbanô Tavares Rodrigues, Raul REgo, Costa Barreto, Jacinto Baptista e João Gaspar Simões.

Falamos da importante contribuição dos suplementos literários, alguns já desaparecidos, outros ainda em plena circulação, como o **Suplemento Literário de Minas Gerais** e o **Suplemento Cultura e Arte** do jornal **O Comércio do Porto**, de Portugal, ambos já referidos. A respeito deste último, o escritor Costa Barreto teve a feliz idéia de reunir numa Antologia, de que publicou quatro volumes, dedicados à Literatura, às Artes Plásticas, à Música e ao Teatro, os mais interessantes artigos aparecidos nos números especiais daquele suplemento. Explica o escritor que entre o jornal e as decantadas rosas de Malherbe existe grande analogia, porque ambos têm vida efêmera. Os periódicos a sua vida restringe-se ao tempo durante o qual o apregoam os ardinias, como são chamados em Portugal os vendedores de jornais. Depois é o silêncio das Bibliotecas e dos Arquivos.

Deste modo, Costa Barreto não somente inclui nesta Antologia os artigos que constituíam os números especiais registrados na capa e no frontispício, mas vários outros publicados em números diferentes. A sua Antologia, a que deu o nome de **Estrada Larga**, é hoje interessante fonte de pesquisa para os estudiosos da cultura portuguesa. Esgotada há alguns anos, é uma pena que não tenha sido reeditada. O primeiro volume é

dedicado à Literatura e inclui artigos sobre Bernardim Ribeiro, o Saudosismo e Pascoais, O Simbolismo e os simbolistas, Fernando Pessoa e o movimento do Orpheu (Artigos de Jorge de Sena, Adolfo Casas Monteiro, Jacinto do Prado Coelho, José Augusto França, Oscar Lopes e Alberto Uva), O Porto e a sua vida literária e artística entre 1854-1904, Almeida Garrett, Cesário Verde, A Ficção em prosa na literatura portuguesa, com um Inquérito anexo. O segundo volume referente às artes traz artigos sobre A Arte moderna em Portugal, com um inquérito anexo, José Malhoa, A Música em Portugal no século XX, e o Teatro em Portugal no século XX. O terceiro volume, mais diversificado, reúne artigos sobre Sá de Miranda, Sampaio Bruno, Fialho de Almeida, A Poesia "Post-Orpheu", A Poesia espanhola contemporânea, o Teatro Espanhol contemporâneo, e o Infante D. Henrique. O quarto volume inclui artigos sobre A gravura em Portugal, Columbano, Pousão, Manuel Ribeiro de Paiva, O Cinema em Portugal no século XX, Antropologia Cultural portuguesa — aspectos característicos.

Não poderia deixar de registrar, ao falar em crítica Literária e jornalismo, a recente publicação da edição fac-similar de **O Pão**, órgão da Padaria Espiritual, movimento regionalista em 1892, que foi a mais original de todas as agremiações culturais que existiram no Nordeste brasileiro. Deve-se esta reedição à Universidade Federal do Ceará, Prefeitura Municipal de Fortaleza e Academia Cearense de Letras. Organizou-a o professor Sânzio de Azevedo que escreve a Introdução sob o título "Os Padeiros e seu Periódico". Foram publicados 36 números deste jornal literário entre 1892 e 1896. Integrada por 34 membros, (primeiramente 20 fundadores e depois os novos 14 sócios), chamados Padeiros, o movimento teve o seu Programa de Instalação assinado por Antônio Sales. Dos trinta e seis números de **O Pão**, Os seis primeiros circularam de julho a novembro de 1892, e são como escreve Leonardo Mota, citado na Introdução: "o vivo espelho do espírito de troça que animava os revolucionários letrados da terra dos cabeças-chatas", e mais adiante, "Os outros trinta números apareceram, desde o dia de Ano Bom de 1895 até o fim de Outubro do ano seguinte. Época de seriedade e trabalho".

Dos colaboradores de **O Pão** merecem destaque Antônio Sales, que tinha o criptônimo de Moacir Jurema, Adolfo Caminha, também Félix Guanabario, e Rodolfo Teófilo, e Marcos Serrano, N° **O Pão**, assinala Sânzio de Azevedo, "desfilam às vezes lirismo, irregiosidade, ódio ao burguês, antilirismo humorístico, anticlericalismo e misticismo".

A partir do número 31 **O Pão** traz o subtítulo de Revista de Literatura e Arte. Trechos de romances de Oliveira Paiva (**D. Guidinha do Polo**), de Rodolfo Teófilo (**Os Brilhantes e Maria Rita**) são publicados pelo jornal dos padeiros. No último número do jornal, datado de 31 de outubro de 1896, informa-se haver a Padaria Espiritual recebido, de Portugal, alguns poemas inéditos de Gonçalves Crespo para publicação.

A partir do número 7, que inicia da segunda fase do jornal, quando sai em tamanho maior, e já constando no alto da página os nomes de Antônio Sales como Diretor e o de Sabino Baptista como Gerente, aparece a secção **Bibliographia**, que informa os leitores sobre as novidades literárias é a análise, um tanto polêmica, de Rodolfo Teófilo, a propósito do romance **A Normalista**, de Adolfo Caminha, dividida em cinco partes e publicada nos números 19 a 23. Entre outros petardos, Rodolfo Teófilo dispara estes contra Adolfo Caminha:

“Nao precisava de colorido, dos tons alambicados da retórica para impor-se ao respeito dos espectadores.” (sobre a seca de 1877)

“Leia o Sr. Caminha alguma coisa sobre **elephantiasis** e depois há de concordar que a sua ciência médica é fóssil, mas fóssil da época paleozóica.” (sobre a doença que atacava os flagelados)

“O sr. Caminha teve em vista lançar o descrédito sobre a Escola Normal não só pelo lado da instrução como da moralidade.” (a propósito da descrição da Escola Normal de Fortaleza)

“Ao sr. Caminha falta penetração, e foro de romancista. Ele não estuda os tipos e os não descreve com uma visão nítida e verdadeira, uma intuição do íntimo: não fotografa com aquela precisão do escritor psicológico os personagens no movimento real da vida com seus verdadeiros tons.”

“O sr. Caminha como escritor naturalista não devia ignorar o **como** dos fenômenos, embora o **porquê** lhe escape como a todo homem com os conhecimentos que tem na época presente.”

Descontando o azedume de Teófilo, algumas das suas observações parecem pertinentes e chegam a lembrar a crítica de Machado de Assis a **O Primo Basílio**, de Eça de Queirós. Rodolfo Teófilo voltaria a escrever sobre Adolfo Caminha, por ocasião do aparecimento das **Cartas Literárias** e, em especial sobre a inclusão neste livro de uma crítica de Caminha sobre o romance **Fome**, de Teófilo. Caminha, evidentemente, não perdoou a crítica de Teófilo ao seu romance **A Normalista** e contra-ataca com a crítica ao romance do seu contendor.

De **O Pão** mencione-se, ainda, a secção **Imprensa Literária**, assinada por Sabino Baptista ou Sátiro Alegrete, que dá notícia e informa sobre as revistas literárias da época.

Vamos concluir estas notas sobre **Crítica Literária e Jornalismo**. Ficou evidenciado que a crítica literária saiu dos jornais, onde ocupou os rodapés e os suplementos, para se abrigar sob o manto acadêmico nas Universidades onde são produzidos ensaios que vêm a lume em edições universitárias ou não universitárias. O reviewing continua a fazer parte das publi-

cações periódicas, mas, assim mesmo, como vimos, cumpre distinguir a recensao do jornalismo literário propriamente dito. A recensão obriga o crítico a refletir sobre o texto e os seus valores estéticos ou éticos e sua publicação está restrita às revistas acadêmicas ou universitárias, ou a publicações de alto valor cultural, como foram dados os exemplos de Colóquio/Letras, Tempo Brasileiro, e, agora, da Revista Vozes e da Revista Brasileira de Língua e Literatura, esta dirigida pelo Professor Leodegário A. de Azevedo Filho.

O jornalismo literário inclui as resenhas, os comentários, as entrevistas, as reportagens, cuja finalidade é a de informar e a de induzir o leitor a consumir o produto cultural. Nesse aspecto, realmente têm razão a professora Nely Novais Coelho ao reclamar do pouco espaço que a crítica tem hoje nos jornais e revistas. O jornalismo moderno contenta-se com pouco ou é o leitor que não tem tempo para ler artigos mais longos que o obriguem a pensar e refletir? Menos mal, quando sabemos que as resenhas ou comentários de 40 a 50 linhas acabam por alcançar os seus objetivos, porque, o mais importante, parece-me, é colocar o livro nas mãos do leitor.

Para quem escreve o crítico? Para o leitor acadêmico ou universitário, para uma elite privilegiada que teve acesso à Universidade e à cultura? E o que fica para o leitor mediano ou o leitor vulgar na acepção ortegiana? O problema da comunicação literária é também um problema especificamente social, como bem observou Ortega y Gasset n'A Revolta das Massas:

“O escritor de hoje, quando pega na caneta para tratar de um assunto que estudou com profundidade, tem de ter em mente o fato de que o leitor vulgar, que nunca se preocupou com tal assunto, se o vai ler não é para aprender qualquer coisa com o escritor, mas sim para o criticar e julgar, se o que ele afirma não estiver de acordo com os lugares-comuns que o referido leitor tem metidos na cabeça. Se os indivíduos que constituem a massa se julgassem especialmente qualificados, seria simplesmente um caso de erro pessoal e não uma subversão sociológica. A característica da hora presente é que o espírito vulgar, sabendo-se vulgar, tem segurança bastante para proclamar os direitos do vulgar e de impô-los onde lhe aprouver. . .”

Ortega y Gasset põe novamente o problema n'A Desumanização da Arte, ao estudar o romantismo como protótipo de um estilo popular, “filho primogênito da democracia.” E diz-nos que, ao contrário, “a arte moderna é essencialmente impopular e mais do que isso, é antipopular. Não que a maioria não goste da arte dos jovens, e que a minoria goste dela, mas sim que a maioria, as massas não a compreendem.”

Wimsatt e Brooks acrescentam que o marxismo considera a moder-

na arte vulgar como um produto da burguesia, e a revolta do artista romântico como um esforço anárquico e fraco que reflete em negativo os mesmos padrões. O crítico literário, de perspectivas mais clássicas, é mais suscetível de considerar a alternativa marxista como sendo ela própria reflexo da revolução do materialismo socializado contra o materialismo secretamente competitivo.

Conclui-se que o jornalismo literário, utilizando os mais diferentes veículos de comunicação, impressos ou eletrônicos, pode chegar com suficiência ao leitor comum, contribuindo, eficazmente, para eliminar a distância entre o autor e o seu provável leitor.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- COUTINHO, Afrânio. *Da Crítica e da nova crítica*. 2a. edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, Coleção Vera Cruz (Literatura Brasileira), vol. 9, em convênio o INL/MEC, 1975.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. "Uma intervenção prática na questão da crítica e da teoria literária". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 60, janeiro-março de 1980, 68-78.
- CUNHA, Fausto. "Crítica literária: Reflexões da práxis". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 60, janeiro-março de 1980, 59-67.
- TELES, Gilberto Mendonça. "A Crítica e os Suplementos". *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, julho de 1982, p. 3.
- JL *jornal de letras, artes e idéias*. Lisboa, Ano II, nº 35, de 22 de junho a 5 de julho de 1982.
- ESTRADA LARGA. Antologia dos números especiais, relativos a um lustro, do suplemento "Cultura e Arte" de *O Comércio do Porto*. Porto Editora, orientação e organização de Costa Barreto. 4 vols., s/d.
- O PÃO da Padaria Espiritual. Edição fac-similar. Introdução de Sânzio de Azevedo. Co-edição Edições Universidade Federal do Ceará, Prefeitura Municipal de Fortaleza e Academia Cearense de Letras, 1982.
- GASSET, Ortega y. *The Revolt of the Masses*, Mentor Book, 1952.
- WIMSATT, William K. & BROOKS, Cleanth. *Crítica Literária*. Breve História. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.
- O ESCRITOR. *Jornal da União Brasileira de Escritores*, São Paulo, nºs 15 e 16, maio e junho de 1982.